

A Boîte à dessin do Atelier D43

Teresa Poester

Resumo:

Mesmo transitando em diversas linguagens, meu pensamento e prática artística são centrados no desenho. Além da prática individual, sempre trabalhei coletivamente e fui professora de desenho por 40 anos. O assunto deste texto é a residência artística Boîte à dessin / Caixa do Desenho realizada pelo Atelier D43 no Espaço cultural Anis Gras, na França em maio de 2016. O Atelier D43 é o grupo de desenho do Instituto de Artes da UFRGS - Porto Alegre que criei em 2012 integrado pelos alunos, hoje jovens artistas, Caju Galon e Kelvin Koubik. Desde o início, a pesquisa do D43 trata de das possibilidades do desenho face a novos meios tecnológicos e linguagens artísticas contemporâneas. A partir de 2015, passa a focar-se no desenho como performance e no vídeo como suporte das ações que se realizam dentro do ateliê. Além de registro, o vídeo constitui-se numa das estratégias, tratadas no texto, para experimentar novas formas de desenhar e fugir ao automatismo do gesto. Por trata-se de uma revista virtual, alguns vídeos e material ilustrativo estarão linkados no texto. Mais informações sobre o grupo no site: [Atelier D43](#).

Palavras-chave: Campo Expandido; Desenho Contemporâneo; Desenho Performance; Vídeo Performance.

Abstract:

The subject of this text is the artistic residence Boîte à dessin / Drawing Box held by Atelier D43 at the Anis Gras Cultural Space in France in May 2016. Atelier D43 is a drawing group of the UFRGS - Porto Alegre Arts Institute that was created by me in 2012 integrated by the students, today young artists, Caju Galon and Kelvin Koubik. Even though I transact in different languages, my thinking and artistic practice are centered on drawing. Besides the individual practice, I have always worked collectively and was a drawing teacher for 40 years. Since it's beginning, the D43's research addresses the possibilities of drawing in face of new technological means and contemporary artistic languages. From 2015 onwards, it will focus on drawing as performance and video as a medium for the actions that take place within the studio. In addition to recording, video is one of the strategies dealt with in the text to try out new ways of drawing and evading the automatism of gesture. As it is a virtual magazine, some videos and illustrative material will be linked in the text. More information about the group on the site [Atelier D43](#).

Keywords: Expanded Field; Contemporary Drawing; Performance Drawing; Video Performance

1
É artista e professora de desenho do Instituto de Artes da Universidade Federal em Porto Alegre-UFRGS, onde formou-se em 1982. Como artista, centra-se no desenho e suas relações com diferentes linguagens e tecnologias. Realizou mostras individuais no Brasil, Argentina, Espanha, França e Bélgica obtendo premiações em desenho. Iniciou sua trajetória nos anos 80 dedicando-se ao movimento de Arte Postal e trabalhando também como artista gráfica, cenógrafa e ilustradora. Entre 1986 e 1989 estudou pintura na Universidade Complutense de Madri. Entre 1998 e 2002 habitou na França para realizar doutorado de suas pesquisas sobre desenho de paisagem e abstração na Universidade Paris 1- Sorbonne. Voltou a viver na França em 2006 onde prossegue sua pesquisa explorando o desenho e suas múltiplas possibilidades. Como professora do IA-Porto Alegre, em 2012 criou o Atelier D43, coletivo centrado no desenho como performance e vídeo. Em 2016 realizou pós-doutorado, novamente na França, focalizado na residência artística do Atelier D43 no espaço Anis Gras em Arcueil. Neste mesmo ano, ministrou a disciplina de desenho na Université Jules da Picardia. Atualmente continua suas atividades como artista e professora em Porto Alegre.



P Para visualizar vídeos do D43 e artigo de Dominique Pillette CLIQUE sobre os títulos dos vídeos e autor do artigo no corpo do texto e em notas de rodapé

Vídeos Atelier D43 Vimeo Boite à dessin²



[Documentário sobre a residência artística Boite à dessin / montagem Teresa Poester](#)
[46 dias na França 30'](#)



[Boite à dessin \(2016\) 7'45"](#)



[Desenho digital \(2016\) 3' 47"](#)



[Desenhos empilhados digital \(2016\) 5' 19"](#)



[Desenhos elásticos \(2016\) 5' 50"](#)



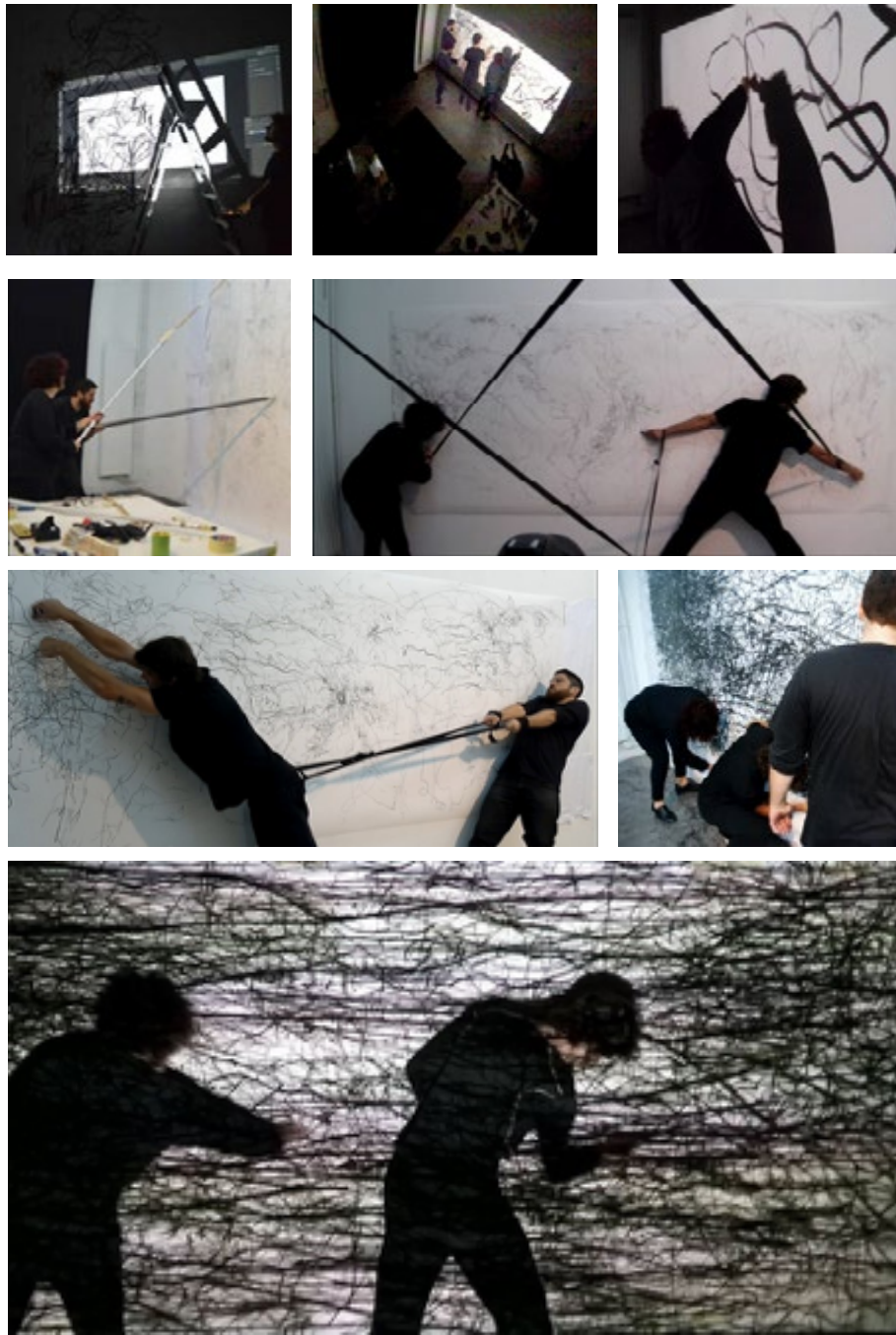
[Desenhos Telefone sem fio 3'14"](#)



[Desenhos perdidos 6'50"](#)

A Boite à dessin do Atelier D43
Teresa Poester

Trabalho do Atelier D43 no ateliê do Espaço Cultural Anis
Gras, França, maio, 2016.



Apresentação: prática individual x Atelier D43

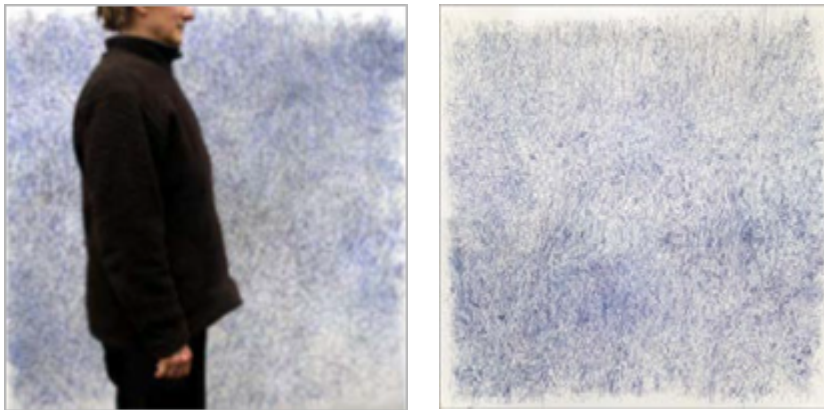
Artista plástica, performer, videaste e pedagoga,
a artista brasileira Teresa Poester interroga intensamente
a relação entre corpo/suporte/ material.

A afirmação é repetida seguidamente pela artista:
"o corpo é o principal instrumento do desenhista".

Não somente a mão ou o lápis,
o desenho necessita do engajamento do corpo todo.
É físico. Uma dança, uma luta, uma relação de força entre
corpo e suporte.

(PILLETE, 2016, p.36)²

Desde o final dos anos 70 participando do movimento da arte postal que começava no Brasil, mantenho uma prática coletiva paralelamente à pessoal como forma de sair do isolamento do ateliê, trocar com outros artistas e alunos, abolir o conceito convencional de autoria. Mas a pesquisa que mantenho com o Atelier D43 é a experiência coletiva mais produtiva e duradoura de meu percurso. As experimentações no grupo sempre foram discutidas horizontalmente, sem protagonismos, e creio que esse procedimento possibilitou sua longevidade e suas múltiplas atividades.



Desenhos Teresa Poester caneta Bic
150 x 150 cm Porto Alegre, 2009

Ensinando desenho, realizei doutorado na Universidade de Paris 1 defendendo um desenho que, embora não sendo mais o único meio de

2

Artigo: *Les lignes de Teresa Poester*
/As linhas de Teresa Poester,
Dominique Pillette, *revue Ballroom*
10. Paris, 2016. pp.36-39

realização da imagem, sobrevive por ser capaz de registrar o corpo em movimento, o tremor da mão em sintonia com a mente. Nessa época meu trabalho pessoal, vinha da pintura e se transformava num desenho mais abstrato e gestual. Se no desenho a linha é o registo de um gesto, do ponto de vista geométrico, ela regista a trajetória de um ponto no espaço. Traduz, portanto, o movimento e o gesto mais fielmente do que a mancha, impressão estática. O ato de desenhar se converte numa atividade necessária num mundo automatizado onde a escrita manual desaparece e o sentido do tato está se perdendo progressivamente.

Retorno então ao desenho, por onde iniciei minha trajetória, dando prioridade agora a um trabalho gestual, onde é o corpo todo que desenha em grandes formatos. Passo a utilizar materiais ordinários de escrita como caneta Bic ou lápis de cor. Os suportes quadrados não conduzem o olhar ao retrato nem à paisagem, medindo 150 x 150 cm para abranger a envergadura de meus braços abertos. A linha solta por vezes evoca a natureza criando campos tonais pela cor ou pelas texturas mais ou menos densas que se justapõem e sobrepõem.

E se, mais do que nunca, é importante afirmar o desenho manual que une corpo e pensamento para gerar uma inteligência específica, não se pode negar atualmente a influência da tecnologia na maneira e nos procedimentos e nos resultados do desenho. Passo a combinar o desenho a diferentes linguagens como fotografia, gravura, manipulação digital, livro de artista e vídeo.

São esses interesses que me levaram a criar o Atelier D43.



Anagramas 2,40 x 12 m, Desenhos sobre impressão fotográfica de gravura, Galeria Bolsa de Arte, Porto Alegre, 2014.

A Boite à dessin do Atelier D43
Teresa Poester

No início éramos 4 participantes. Nossas reuniões começaram informalmente já em 2011 com a presença do estudante Alexandre Copês, hoje artista multimídia. Alexandre incentivou-me a iniciar o grupo e teve uma atuação valiosa até 2013, quando se formou no IA se afastando do grupo, que, na época, tinha ainda um vínculo acadêmico. Passamos a nos reunir na sala 43, ateliê de desenho do Instituto de Artes, daí nome do grupo pois o título da pesquisa Desenho gesto pensamento: procedimentos gráficos e outras mídias nos parecia demasiado acadêmico.



Direita: D43 com Alexandre Copês em 2012
Esquerda: Boite à dessin 2016. Cajú Galon, Teresa Poester e Kelvin Koubik



Desenho Atelier D43, lápis grafite, 150 x 150 cm, Exposição Loucos por Desenho
Porto Alegre, 2015

Além da pesquisa, nosso objetivo é difundir o desenho e suas novas possibilidades dentro e fora da universidade. Encontros com artistas, Atelier aberto, com a participação de artistas de diferentes estados do Brasil; Desenhando Poa no qual um público heterogêneo desenhava mensalmente em diferentes locais de Porto Alegre, eram algumas das atividades propostas pelo grupo.

O ponto comum entre nossos trabalhos era um desenho gestual e a vontade de experimentar o desenho em relações a tecnologias e linguagens contemporâneas. No nosso caso, uma baixa tecnologia, equipamentos pouco sofisticados e um processo artesanal na convecção de imagens e vídeos. Se no cinema profissional cada profissional tem competências específicas e é responsável por uma parte do processo, o artista visual que trabalha com vídeos, em geral tem necessidade de controlar o todo, desde a gravação até a montagem e a finalização das imagens. Como se voltássemos aos primórdios da história do cinema.

A pesquisa coletiva sistemática do D43 influenciou meu trabalho individual e o dos integrantes do grupo num processo de vai e vem que se retro-alimenta. A partir desse momento, começo a trabalhar de forma mais intensa o conceito e a prática de um desenho híbrido, sobrepondo gravura ou manipulação digital, como na instalação Anagramas e a me dedicar também à edição de meus próprios vídeos.

As ideias que se aproximam de nossos experimentos são a noção da imaterialidade da arte conceitual por Sol Le Witt, para quem o desenho é uma maneira de registrar uma ação (ou declaração) e, sobretudo, a de campo expandido, formulada no emblemático artigo de Rosalind Krauss que questiona a autonomia da escultura³. Seu campo expandido estende-se ao conjunto da arte contemporânea e, mais recentemente, ao desenho com os artigos de Helena Elias e Maria Vasconcelos, entre outros. As novas tecnologias e sua desmaterialização estão em estreita relação com a pluridisciplinaridade das linguagens artísticas e a expansão do desenho, ideias recorrentes entres os autores incluídos nas nossas referências bibliográficas.

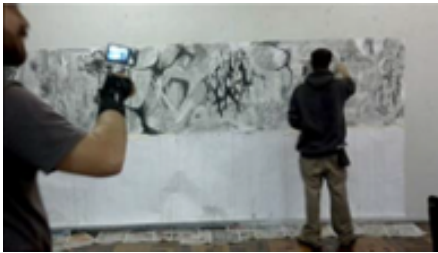
3

Publicado no n 8 de October, 1979 (31- 44), o texto, cujo título original é *Sculpture in the Expanded Field*, também apareceu em *The Anti Aesthetic: Essays on Post Modern Culture*, Washington: Bay Press, 1984. No Brasil foi publicado no número 1 de Gávea; Revista do Curso de Especialização em História da Arte e Arquitetura no Brasil, PUC-Rio, 1984 (87-93).



Atelier D43: cruzamento do desenho / performance x vídeo

Sabemos que o desenho, alicerce para a construção das mais variadas áreas do conhecimento, sempre teve dificuldade em impor-se como linguagem artística autônoma. Aparece com mais força a partir do século XIX com a valorização do artista romântico como criador único e original. Agora, no momento em que os blogs e os suportes virtuais via web trazem possibilidades de divulgação imediata, proliferam alternativas de intervenção no espaço público e privado através do desenho, como os grafites e os fanzines e as tatuagens no corpo-suporte. Aumenta também o número de publicações, locais e exposições de desenho em quase todos os países. Esse interesse se deve sobretudo às especificidades da linguagem que se ajusta bem às características, inclusive metodológicas, que marcam a arte contemporânea.



[Desenhos perdidos 6' 50", 2013](#)



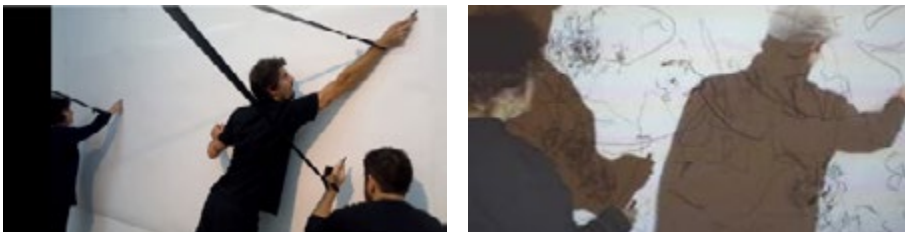
[Telefone sem fio - desenho 3' 14"](#)

Seu baixo custo permite uma rotação e uma ampliação do mercado. Um desenho pode ser facilmente transportado e adaptar-se a ambientes urbanos reduzidos. É um meio rápido, instantâneo, portátil e provisório como são os valores contemporâneos. Sua técnica privilegia o processo em detrimento do produto. Seu aspecto intimista vem ao encontro do caráter autobiográfico, tão ao gosto das tendências atuais.

Se a autonomia da linha, começa com a valorização do esboço no romantismo, só recentemente a independência do desenho se intensificou de fato. Mas com os novos meios de realização e difusão da imagem, o desenho não é mais definido pelo material ou suporte e sim por uma experimentação onde diferentes disciplinas podem se encontrar ou se misturar, adaptando-se perfeitamente à noção de campo expandido de Krauss. Neste contexto, o desenho contemporâneo é ainda um campo fértil de possibilidades ainda a ser descoberto. Meu trabalho pessoal e o do Atelier D43 buscam explorar algumas de suas possibilidades.

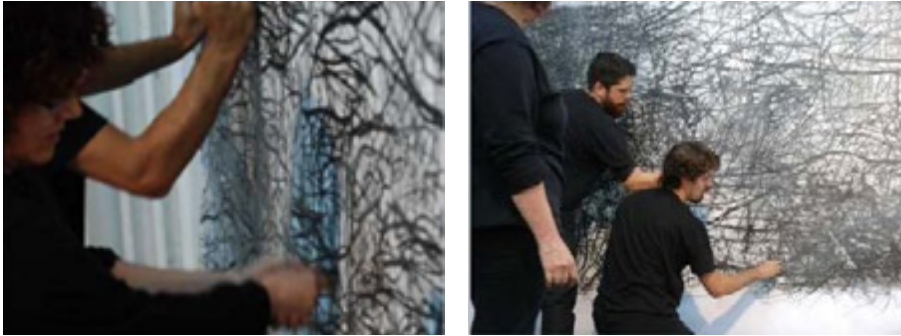
Sabe-se que a partir dos experimentos dos anos 50 as fronteiras entre as artes visuais estáticas e as que se apresentam na duração do tempo como o cinema, a música e a dança, são abolidas. A performance se desenvolve. O vídeo além de registrar a performance, torna-se seu co-autor, indissociável da sua exploração. Dentre os diferentes tipos de vídeoarte ou videodocumento, a vídeoperformance é o que mais se aproxima do trabalho do D43. De fato, o grupo dispensa performar a ação direta do desenho em tempo real diante de um público.

Desenhamos no espaço solitário do ateliê buscando explorar maneiras de filmar que nos levem a novas maneiras de desenhar e vice-versa. O desenho, a performance e o vídeo se inserem no tempo e levam em conta o ritmo, a velocidade e a duração de formas diferentes. Se a performance é efêmera, o vídeo é perene e o desenho constitui do tempo congelado.



Esquerda: [Vídeo Boîte à dessin \(2017\) 7'45](#)

Direita: [Vídeo Desenhos Em Pilhados \(2016\) 5'19"](#)



Nem sempre os desenhos do grupo são mantidos. Já no primeiro vídeo *Desenho perdido*, a ação era privilegiada e o resultado sobre papel se perdeu após sua finalização restando o vídeo como registro⁴. O desenho torna-se um gatilho para o vídeo, que fixa o movimento efêmero e é o suporte final do trabalho. Mas o vídeo não apresenta o ato de desenhar em tempo real, o tempo é manipulado durante a edição.

Depois de alguns anos, o Atelier D43 adquiriu uma maneira própria de desenhar e seus trabalhos passam a ter uma assinatura. O trabalho nos dita caminhos imprevisíveis. Precisamos ouvir o desenho. Trabalhando sozinhos nos habituamos a conversar com o desenho silêncio do ateliê. No entanto, a criação em grupo é acompanhada por reflexões em voz alta. O grupo conversa constantemente entre si e com o desenho, as dúvidas e decisões se tornam audíveis à medida que o processo avança estabelecendo sua própria lógica.

As atividades são realizadas por todos. Entretanto, precisamos eventualmente dividir algumas tarefas segundo a competências e desejo de cada um para facilitar a organização. As montagens dos vídeos, por exemplo, se dividem entre mim e Caju Galon, embora todos participem das gravações e opinem nas montagens.

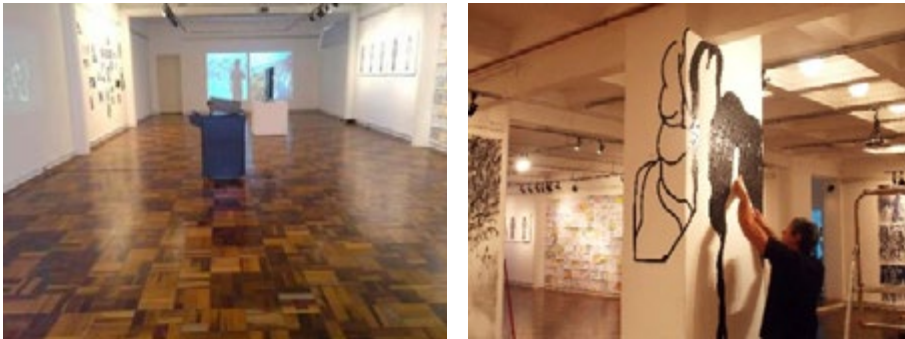
A folha de papel branco tornou-se o plano onde se desenvolve a cena enquadrada pela câmera. O lápis e a câmara são a ponte entre o corpo e o suporte, registrando a ação, congelando-a no tempo. O vídeo documenta o trabalho em ateliê que constitui a performance em si, mas no nosso caso, as estratégias de desenhar mudam em função do vídeo, que, por sua vez, determina novas possibilidades gráficas. Uma linguagem influencia a outra e novas aparecem.

4

Desenhos Perdidos 6' 50", 2013
<https://vimeo.com/101486528>

Com o tempo, experimentamos novas maneiras de filmar, criar enquadramentos para as cenas, dar maior atenção às montagens para que o vídeo interferisse na maneira de desenhar e vice-versa. A partir de 2015 acentuamos o foco sobre a performance. O ateliê se tornou um palco das ações. Passamos aprimorar o cenário, nos vestir de preto e utilizar materiais preto e brancos pensados em função do vídeo performance apresentado ao público.

Através dos vídeos, vê-se a coreografia dentro do ateliê, os bastidores do desenho. O trabalho é corporal e mental, permite ao artista conectar o acaso e a intenção. O desenho manual é uma escrita gestual, um registro de uma dança ou um combate com ou contra o suporte.



Lugares do desenho, Atelier D43 e convidados. Pinacoteca do IA UFRGS Porto Alegre (2013)

Num tipo de trabalho como esse, o assunto não é figurativo. As ações podem gerar um vocabulário gráfico surpreendente ao mesmo tempo que podem, involuntariamente, engendrar o automatismo do gesto. É necessário criar estratégias para fugir à repetição e à banalização dos movimentos automáticos.

Por exemplo, trabalhamos entre três desenhistas puxando elásticos em direções opostas e produzindo diferentes tensões sobre o corpo que desenha. Por vezes utilizamos uma câmera acoplada a uma munhequeira para filmar o traço desde tão perto que distorções apareciam sobre o foco.

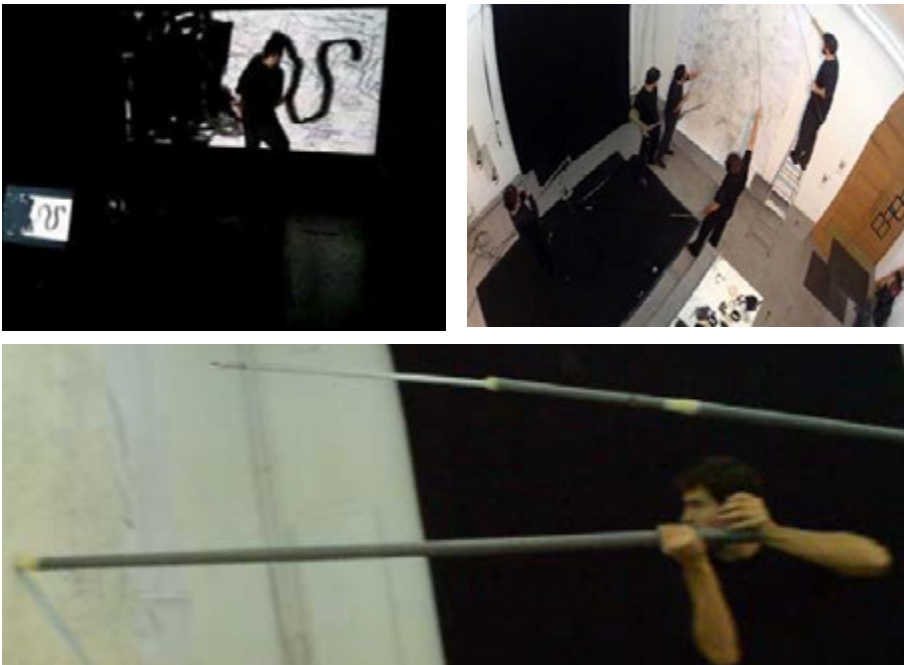
A Boîte à dessin do Atelier D43
Teresa Poester



Workshops Boîte à dessin

Numa outra empreitada, desenhamos sem deixar marcas sobre o suporte, não há linhas visíveis, mas somente o gesto. Sobrepondo dois vídeos, o primeiro é projetado e nele desenhamos verdadeiramente sobre o papel, perseguindo o gesto do colega.

Desenhos elásticos e *Desenhos em pilhados*⁵ são exemplos de ações específicas que visam a associar efeitos de filmagem e desenho. Mesmo se por vezes o desenho se conserva sobre o papel, o vídeo adquire mais e mais importância dentro do nosso processo.



5

[Desenhos elásticos 5' 50" 2015](#)

[Desenhos em pilhados 5' 19" 2016](#)

Como uma colagem de fragmentos, o vídeo une diferentes tempos e diferentes espaços. Ele não substitui a apresentação direta do desenhista no ateliê, mas pode traduzir a energia, a audácia e a angustia que animam seu trabalho. Angustia que acompanha a criação.

Como diz Guto Lacaz, desenhista e artista multimídia: "Acho que uma pessoa só pode dizer que viu uma coisa, depois de tê-la desenhado. Estou aqui fazendo esse louvor ao desenho, mas preciso dizer que desenho enlouquece. Produz raiva, ódio mortal, sensação desagradável de incapacidade, mostra seus limites."⁶

Mas o afeto e a confiança são ingredientes fundamentais para enfrentar as dificuldades do desenho num trabalho coletivo de convivência intensa que envolve resoluções e momentos nem sempre fáceis.

O texto de 2015 Instruções para desenhar I Atelier D43 de Eduardo Veras, crítico e historiador da arte, professor do IA -UFRGS, ilustra o ambiente do grupo:



A Boite à dessin do Atelier D43
Teresa Poester



Materiais necessários: folha de papel muito grande, extensa tira de borracha, materiais generosos na hora de riscar (carvão, grafite, bastões oleosos, etc.).

Número de participantes: você e mais dois amigos que também gostem de desenhar. Passo a passo:

- 1) Estender uma folha de papel na parede.
- 2) Preparar o equipamento de vídeo para gravação que, em certa medida, vai definir o ritmo das ações a serem executadas.

A Boite à dessin do Atelier D43
Teresa Poester

dessin / vidéo / action

BOITE à DESSIN

Trois artistes Brésiliens du groupe Atelier D43 en résidence à Anis Gras présentent le résultat de leur recherche sur le dessin et la vidéo. Ce travail combine différents langages. Le dessin n'est pas seulement sur papier mais parfois en vidéo. Il s'agit de la trace d'une action corporelle qui interagit avec le film. En créant des stratégies pour filmer ils changent la manière de dessiner. Les murs, le plafond et le sol du nouveau scénario constituent un défi et deviennent le support de la performance, plateforme de possibilités, comme une boîte à surprises, une Boite à dessin.

Présentations
ouvertes au public
le vendredi 27 mai
à 14 h et à 19h30

Anis Gras le lieu de l'autre
55 avenue Laplace
94110, Arcueil
RER B : Laplace

groupe brésilien en résidence
ATELIER D43
Caju Galon
Kelvin Koubik
Teresa Poester

0149120329
www.lelieudelaautre.com

Contacteur:
atelierd43.wordpress.com/
facebook.com/atelierd43/

Logo of the French Republic, UFRGS, Aliança Francesa, and ANIS GRAS.



Carvão e tinta spray, 360 x 150 cm, D43, França,

A Boite à dessin do Atelier D43
Teresa Poester



Diferentes lápis grafite / extensores, 360 x 150 cm, D43, França, 2016

Diferentes lápis grafite / elásticos para conter gestos, 360 x 150 cm, D43, França, 2016

Diferentes lápis grafite c/ borracha, 360 x 150 cm, D43, França, 2016

Diferentes lápis grafite / tábua gráfica, 360 x 150 cm, D43, França, 2016



3) Com a ajuda dos amigos, amarrar uma ponta de tira de borracha em um de seus pulsos, atando em seguida a ponta livre ao outro braço.

4) Munir-se, a cada mão, dos materiais de desenho.

5) Confiar a um dos amigos uma ponta da tira de borracha.

6) No outro canto da sala, o amigo deve estender a puxar tanto quanta puder, procurando conduzir ou refrear, mas manter sob tensão os movimentos que você ensaiar. Esse ensaio é o trabalho.

7) Riscar sobre o papel, descartando a possibilidade de figuras identificáveis. Pontas, linhas, manchas, traças curtos e rápidos, ou extensos e largos, devem ser suficientes.

8) Divertir-se à larga, saboreando os inesperados.

9) Inverter papéis, amarrando a tira nos pulsos dos amigos e assumindo, por seu turno, a tarefa de tencionar os gestos dos outros, trocando sempre de lugar até um momento de suspensão, tendo em vista que o desenho nunca estará pronto.

10) Em uma noite de primavera, com sorte estrelada, compartilhar os resultados: os vídeos, os desenhos.

Haveria ainda uma série de outras estratégias: amarrar a tira no pulso de um e outro participante simultaneamente; acomodar as tiras de modo que todos possam rabiscar ao mesmo tempo sobre o papel, etc.

Outras variações: projetar sobre o próprio desenho a imagem do amigo desenhando, passando a interagir sobre o papel - com a gravação; interagir com sua própria imagem desenhando, etc. Experiências como essas acompanham o cotidiano do grupo D43.

O trabalho é sério, mas não despreza o prazer e a alegria.

De fato, enfrentar uma folha branca de papel é um desafio difícil que nos remete a nossos medos, erros, mentiras e fantasias. Mas é talvez essa dificuldade que chega a dar "frio na barriga" que torna o desenho tão fascinante.

Boite à Dessin / Caixa do desenho

Dominique Pillette, crítica francesa de dança contemporânea escreve:

Com alguns de seus estudantes, Teresa Poester cria o Atelier D43, lugar de pesquisa onde, a partir de



performances filmadas, se criam voluntariamente situações de resistências externas – por exemplo, elásticos impedindo o movimento da mão ou o braço que segura o lápis. Estratégias para encontrar outro tipo de gesto que a surpreenda, explica Teresa, para evitar os automatismos do corpo. O automatismo é o maior inimigo do artista.⁷ (PILLETE, 2016, p.38)

Com este pensamento foi realizada a residência artística de 30 dias no Espaço Anis Gras em Arcueil, a 15 min do centro de Paris. Uma imersão em tempo integral, de domingo a domingo, da manhã à noite, respirando desenho e experimentando diferentes ações e maneiras de trabalhar e filmar.

As principais exposições do grupo antes de ir à França prepararam o Atelier D43 para a realização do projeto Boîte à dessin: Lugares do desenho, Atelier D43 e convidados (2013), prêmio Açorianos exposição coletiva, contou com 12 artistas convidados do Brasil e do exterior em afinidade com o D43, como a francesa Marianne Chanel, que mostra pela primeira vez seus surpreendentes vídeo/desenhos ou Loucos por desenho (2014) no espaço cultural Vila flores em Porto Alegre, cujas características se assemelham às do Espaço Cultural Anis Gras, que já esboçava a tônica na performance de ateliê e na edição dos vídeos.

A proposta da residência, aprovada pela diretora do Anis Gras, se deu graças a um convite de Sofi Hémon que conheceu nosso trabalho em 2015. Esta foi a primeira vez que os estudantes foram à Europa. O Anis Gras é um espaço experimental respeitado que recebe artistas de teatro, música, dança e artes visuais de diferentes países desenvolvendo projetos pedagógicos permanentes ligados à comunidade. Seus objetivos têm enormes afinidades com a filosofia do D43 que, desde o início, paralelamente à pesquisa, organizava encontros afim de difundir o desenho contemporâneo. Desta forma, além do trabalho no ateliê, o projeto Boîte à dessin incluiu workshops cujos exercícios foram utilizados nos ateliês pedagógicos no Museu de Arte Moderna de Paris.

De chegada, avaliamos as condições do local, paredes e aberturas tanto para trabalhar como para apresentar a exposição final, contrapartida da residência, assim como as dimensões do papel e material disponível. Mesmo tendo fotos e planta baixa do espaço, o trabalho foi decidido de

7

Artigo: Les lignes de Teresa Poester /As linhas de TP, Dominique Pillette, crítica de dança revue Ballroom 10, pp.36-39, Paris, 2016. Disponível: <https://atelierd43.files.wordpress.com/2012/12/revue-revista-ballroom-t-poester-atelier-d43.pdf>.



fato dentro do ateliê. A ideia era transformar os 66 metros quadrados da sala em um cenário onde desenharíamos, filmaríamos e projetaríamos nossas experiências.

Durante 30 dias passados no Anis Gras tivemos as condições ideais para explorar possibilidades do desenho combinando diferentes linguagens e recursos. Nossos desenhos e atividades foram registradas por diversas câmeras de e alta e baixa resolução como Windows phones e GoPro. Isso facilita a gravação de nossas experiências em vários pontos de vista. Acumulamos grande quantidade de vídeos que mostraram as diferentes ações no ateliê.

Resolvemos escolher uma estratégia diferente para cada desenho que desafiasse a repetição do gesto habitual. Compramos 2 rolos de papel de 150 x 100 cm afim de que pudéssemos colocar em uma parede grande disponível para desenhar e também poder esconder as janelas verticais no momento de mostrar. De qualquer forma, o suporte deve ser em grande formato a fim de permitir os movimentos.

O objetivo era impedir ou conter o movimento automático para descobrir outros. Todas as ações seriam filmadas e fotografadas de variados pontos de vista e enquadramentos para aumentar as possibilidades da montagem e a autonomia do vídeo. As paredes de papel formariam a caixa que se tornaria o suporte da ação corporal.

Optamos por utilizar, como de costume, roupas pretas e materiais em branco e preto para concentrar-nos na linha e na ação. Os principais materiais solicitados foram grafite – diferentes tipos de lápis, grafite, pigmentos, fitas adesivas, borrachas de todo tipo, fitas de elástico preto, além dos papeis em rolo. Como aparelhos contávamos com seis câmeras para vídeos e fotos, um computador, uma mesa gráfica e dois projetores permanentemente dentro do ateliê durante todo o mês.

Abertos os rolos, 4 folhas de papel foram cortadas nas medidas de 400 x 150 cm cada uma. Sobre cada folha foram realizados os 4 diferentes procedimentos ou limites afim de estimular e a liberdade de criação dentro de normas pré-estabelecidas:

1. 'Desenho e resistência', onde elásticos travavam ou conduziam o movimento do braço e o corpo segurados pelo colega ou presos a um local da sala como teto, janela ou coluna.



2. Batalha do desenho, onde os participantes trabalham com lápis fixados a extensores do corpo como longos e pesados bastões com os lápis fixados na ponta atacando o suporte sem tocá-lo, por vezes batendo no papel como num instrumento de percussão;

3. Desenhar com a borracha, coloca-se inicialmente pó de grafite até escurecer o suporte e retira-se a matéria progressivamente, o desenho se faz por subtração e não por adição.

4. Um participante desenha com a mesa gráfica enquanto outro tenta seguir desenhando com o lápis a linha projetada sobre o papel.

O espaço do ateliê é considerado como uma caixa onde todas as dimensões interferem sobre o trabalho. As linhas percorrem virtualmente as paredes, o solo e o teto, podem mesmo sair do plano e ocupar o espaço. As performances como experiências de ateliê são uma obra em si, mas sem relação entre participantes e público. São os vídeos que criam a relação.

Boîte à dessin foi a mostra apresentada no dia 27 de maio no ateliê do Anis Gras como resultado final da residência. O local se transformou numa sala de exposição com telas de projeção para os vídeos - editados no local e as quatro folhas de papel verticais que pendiam ocupando todo o pé direito das paredes.

O resultado do projeto e também foi mostrado no Frigo em Paris e na UPJV em Amiens na França em 2016. Em 2017, foi exposto no Museu do Trabalho em Porto Alegre obtendo o prêmio Açorianos de melhor exposição coletiva de 2017.

O material de comunicação do Anis Gras para a exposição Boîte à dessin resume o trabalho: Três artistas brasileiros do grupo Atelier D43 em residência no Anis Gras apresentam o resultado de sua pesquisa sobre desenho e vídeo. O desenho não é somente sobre papel, mas por vezes em vídeo. Trata-se do traçado de uma ação corporal que interage com o filme. Criando estratégias para filmar eles mudam a maneira de desenhar. As paredes, o teto e o chão do novo cenário tornam-se o suporte da performance, plataforma de possibilidades, como uma caixa de surpresas, uma Caixa de desenho.



Referências Bibliográficas:

DERDYK, Edith (Org.) Disegno. Desenho. Desígnio, Editora Senac, São Paulo 2007.

CHIRON, Éliane. Anatomia do gesto criador em uma prática de desenho. In: Revista Porto Arte. Porto Alegre: Instituto de Artes / UFRGS, v. 13, n. 21, Jul/Nov/2004, pp. 17-30.

ELIAS, H.; VASCONCELOS, M. Desmaterialização e Campo Expandido: dois conceitos para o Desenho Contemporâneo. In.: Actas do Congresso SOPCOMLUSOCOM, Universidade Lusófona, Lisboa, 2009.

ELIAS, H.; VASCONCELOS, M. Desafios ao desenho face às novas tecnologias. In: Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura, 2012.

KRAUSS, Rosalind. A escultura no campo ampliado. Trad. Elizabeth Carbone Baez. In.: Gávea: Revista semestral do Curso de Especialização em História da Arte e Arquitetura no Brasil, Rio de Janeiro: PUCRJ, n. 1, 1984.

MARCOMDES, Renan. Do Projeto À Expansão: Desenho Em Percurso Na Arte Performática. São Paulo. In: Performatus, n. 7, revista digital, Nov/2013.

SACHELLI, C.; MARCONDES, R. Sobre Performance. In: Performatus n. 11, revista digital, São Paulo, jul. 2014.

ZONNO, Fabiola do Valle. Campo Ampliado - Desafios À Reflexão Contemporânea. IV Encontro De História Da Arte – IFCH / Unicamp, 2008. pp.1206-1216

ROVEN n° 10 – Automne-hiver 2013-2014: Numéro spécial: Dessin et performance. Paris: Ed. Les Press du réel, 2014.

KENTRIDGE, William. Seis lições de desenho, 382 minutos (DVD). Instituto Moreira Sales, 2014.